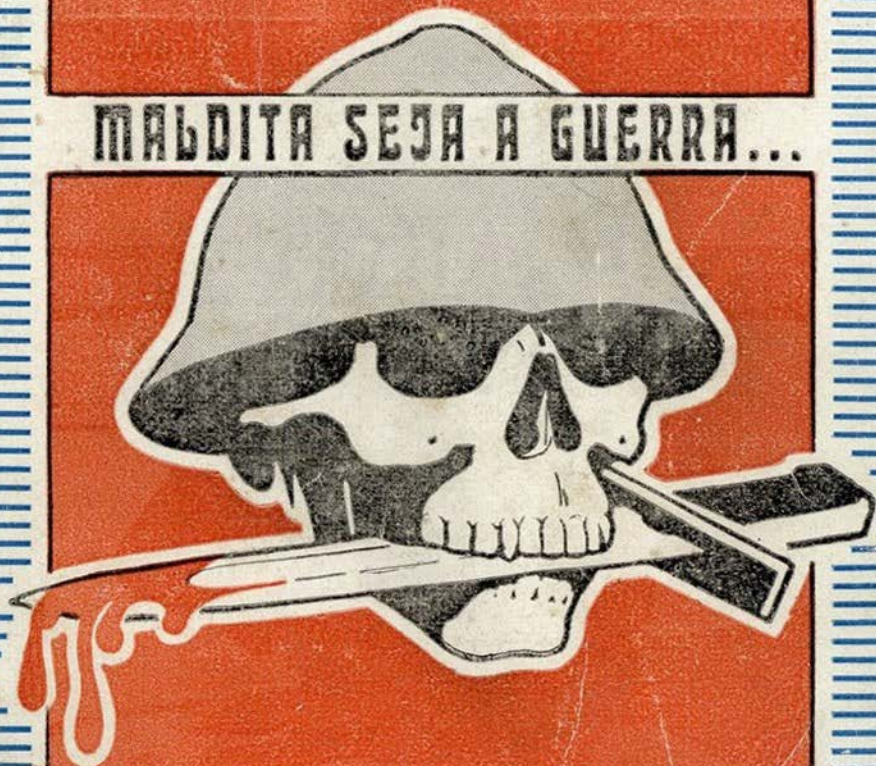


RIBEIRO DE CARVALHO

Da Academia das Ciências de Lisboa

МАБДИТА СЕЖА А ГУЕРРА...



MUNICIPAIS DE LISBOA

EDIÇÃO DA «LVMEN»

7186

José Rodrigues Pires

LIVREIRO - ANTIQUARIO

R. 4 de Infanteria, 34-1.º Dto.

Telef. 65 02 55

LISBOA-3

N.º 4806

L/86

MALDITA SEJA A GUERRA...

Obras de Ribeiro de Carvalho

EM VERSO

LIVRO DE UM SONHADOR, 1897.

MARGARITAS, 1898.

DOLORES — 2.^a edição. *Estudo por Abel Botelho*, 1900.

TERRA DE PORTUGAL, 1900.

A ETERNA CANÇÃO, 1918.

EM PROSA

HISTORIA DAS RELIGIÕES — *Compilação*.

TRADUÇÕES E ADAPTAÇÕES, para a lingua portugueza, de notabilissimas obras de Leão Tolstoi, Maximo Gorki, Blasco Ibañez, Catulle Mendès, Louis Bousse-nard, Gomez Carrillo, Emilio Zola, Gabriel d'Annunzio, Marcel Prévost, Tamenaga Shunsuy, Conan Doyle, Camille Flammarion, Louis Gastine, André Theuriet, Gustave de Molinari, Jean Rameau, Alphonse Daudet, Octave Mirbeau, Salomon Reinach, Bagnoux de Vil-leneuve, Hamon, Eduardo Zamacois, Rafael Altamira, Perez Galdós, Pierre Louys, Paul Bourget, Guy de Maupassant, Juan Valera, Gustave Flaubert, Henry Murger, Honoré de Balzac, Aristides Briand, Pierre Saintyves, etc.

A PUBLICAR

A FORNADA DA MORTE — *Romance de amor e de revolta*.

MARIA SALOMÉ — *Peça em 3 actos*.

A CANÇÃO DAS ESTRELLAS — *Versos*.

A CANÇÃO DA TRISTEZA — *Estudo sobre a poesia popular*.

MAR. DOS NAUFRÁGIOS — *Poemeto*.

O LIVRO DAS CANÇÕES — *Com musicas inéditas*.

POR ESSES MUNDOS — *Crónicas e recortes*.

82P-34
CAR

RIBEIRO DE CARVALHO

Da Academia das Sciencias de Lisboa

MALDITA SEJA
A GUERRA...



LVMEN

Empreza Internacional Editora
LISBOA—PORTO—COIMBRA—RIO DE JANEIRO

16548

137115

827.134.3-34

94(100)"1914/18"

大國之 在十國中其私
大列外中其私

10248

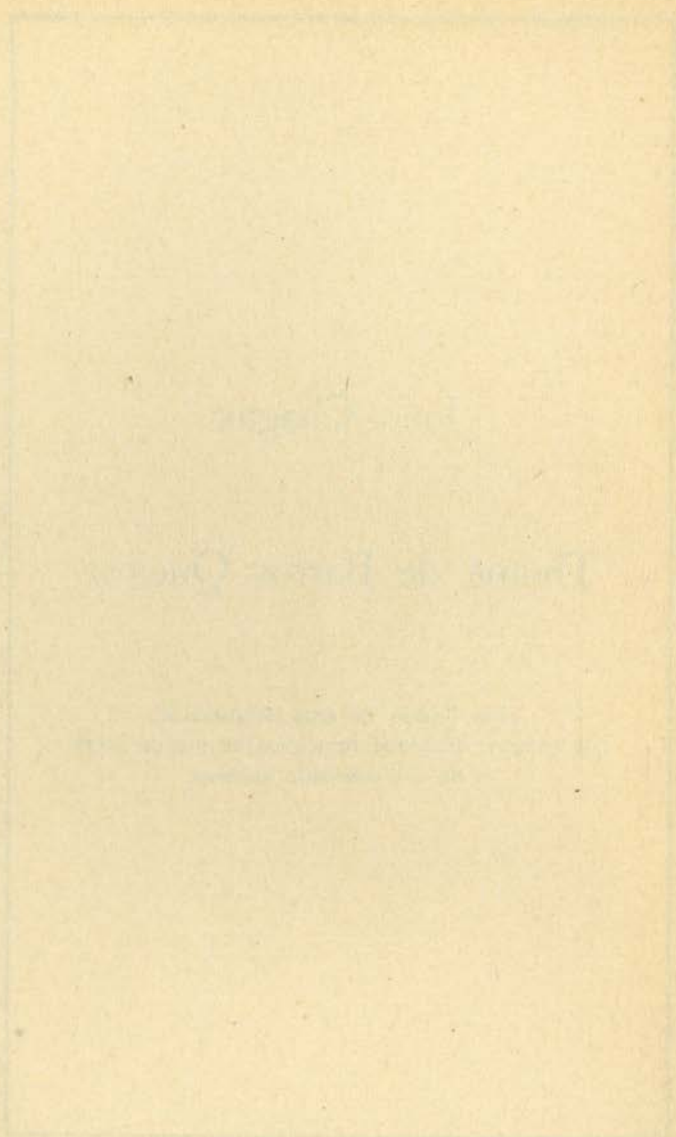
A

João Chagas

e

Thomé de Barros Queiroz

altas figuras de uma democracia
que sempre defendeu principios de justiça social
e de solidariedade humana



Maldita seja a guerra...

Quando João dos Montes entrou no labirinto enlameado das trincheiras, erçadas de metralhadoras, os seus nervos tiveram um arripio trágico de frio e de terror...

Até alli, deixára-se levar sem um protesto, sem um queixume, sem um estremeção de revolta, quasi sem uma lagrima, inconsciente, frio, aturdido, verdadeiro autómató, de carne adormecida e cataléptica.

Tinham-no ido buscar á sua aldeia tranquilla e distante, perdida entre serranias silenciosas, como se da sua intervenção, da sádia fôrça dos seus braços, dependessem os destinos da humanidade inteira.

E deixára-se levar, entre os gritos da velha mãe

contrahida de espanto, entre os soluços doloridos da noiva inolvidavel...

— *Era a guerra* ... — diziam-lhe os companheiros.

Mas, no seu espirito simples e ingénuo, de quasi adolescente, persistia a névoa da mesma duvida sombria.

— Que teria elle com essa guerra brutal e iniqua, devoradora insaciavel de sangue, que ia devastando e consumindo tantos paizes longinquos, ateadada por vendilhões sem patria e por traficantes sem escrupulos?

Que teria elle com essa carnificina tremenda, em que milhões de homens se batiam como feras, sem saberem tambem porquê, talvez — ingénuos como elle e como elle tendo deixado nos seus lares tranquillos as mães e as noivas soluçantes?

— *Era a guerra* ... — diziam-lhe sempre.

Mas essa entrada nas trincheiras, por uma noite gelada e tormentosa, encharcado até aos ossos, semelhante a uma bêtea de carga atirada para a sangueira horrivel d'esse vasto açougue humano — essa entrada nas trincheiras, entre os relampagos cortantes dos reflectores inimigos, desencadeou-lhe na alma a revolta latente das suas livres energias de homem das montanhas.

Dentro de algumas horas, dentro de alguns instantes, n'aquelle momento mesmo, bastaria uma granada perdida para o deixar esphacelado, em tristes farrapos de carne atirados á lôbrega solidão da noite.

Um homem a menos, um cadáver a mais — episódio banal e simples d'aquella tragédia de gigantes.

Na sua aldeia distante, entre serranias silenciosas, é que esse incidente mínimo derramaria para sempre na dôr e no lucto dois corações com direito á ventura e á alegria de viver...

Entregaram-lhe uma espingarda, destinaram-lhe um pôsto — e alli ficou, entre sacos de areia e rêdes de arame farpado, á espreita na noite tenebrosa, como se em plena selva esperasse o salto brusco de uma panthera.

De súbito, entre o rasto luminoso de um reflector, avistou na trincheira em frente um soldado inimigo, na mesma attitude prescrutadora e anciosa.

Pôz a espingarda á cara, apontou, quiz premer o gatilho e não teve fôrças para disparar...

Esse homem, afinal, não lhe fizera mal algum.

Esse homem poderia ter, tambem, na sua aldeia distante, uma noiva carinhosa e linda, a mãe soffredora e lacrimosa... E elle, matando-o, seria um assassino — tão assassino como aquelles que, pela calada da noite, nas encruzilhadas desertas, varam a zagalotes as suas victimas.

Esses roubam o dinheiro.

Elle roubaria, talvez, o socego e a paz de alguma vida inteira.

— *Era a guerra...*

Essa phrase sinistra zumbia-lhe nos ouvidos como se fosse um pesadêlo.

Sim... Era a guerra.

Degladiavam-se, a ferro e a fogo, milhões e milhões de homens, porque alguns capitalistas sôfregos, desvairados pela ambição e pelo espirito de predomínio, temiam a concorrência de outros capitalistas no seu commercio, nas suas industrias, na furia sempre insaciada dos seus interesses em jôgo.

A Patria? O Direito? A Justiça? A liberdade dos pequenos povos?

Como se deveriam rir d'esta burla sentimental os promotores da matança colossal e inenarravel!

Não apprehendia elle estas verdades cruentas.

Não conhecia, em toda a sua hedionda ferocidade, os bastidores da guerra maldita...

Sem commercio seu, sem industrias suas a defender, sem um palmo de terra onde cahir, antes levando os dias a cavar de sol a sol a terra que era dos outros, mal sabia elle ainda que era com o seu sangue, com o sangue de todos os opprimidos, que potentados sem consciencia iam mantendo a posse d'essa mesma terra...

Não sabia isto.

Nunca o silencio quasi religioso das suas serranias fôra rasgado por um grito de libertação humana.

Da revolta clamorosa de todos os desherdados, nas grandes metrópoles industriaes, nada chegára ainda á sua aldeia primitiva, onde aquelles que eram fortes e vigorosos só ambicionavam pão e amor: o

pão do seu sustento nos longos dias de lucta com a terra, o amor da companheira estremecida nas suas noites de repouso e de calma...

Nunca lhe soára aos ouvidos o rumôr de uma revolta.

Nunca lhe aforára aos labios uma palavra de protesto contra as iniquidades da vida.

Nunca pensára em erguer-se contra os que exploravam a fôrça herculea dos seus braços de trabalhador.

Comtudo, n'essa noite de trincheiras, cortada pelo fragôr incessante da metralha, a sua espingarda de guerra não deu um unico tiro...

Se a rajada luminosa dos reflectores lhe deixava entrever na trincheira em frente o vulto prescrutador de alguma sentinella inimiga, no seu coração havia sempre um rebate de piedade e de justiça:

— Esse homem não te fez mal algum... Esse homem póde ter, tambem, na paz da sua aldeia, alguém que o espere entre lagrimas e anceios... Não o mates!

E, ao ser rendido, ao partir para a sua casamata de descanso, levava sempre em paz a consciencia.

*

* * *

Um dia, foi nomeado para um pelotão executôr.

Mal rompia a manhan, por entre o nevoeiro denso e frígido, foi collocado em fila no largo páteo de uma herdade occupada.

Um companheiro de armas, que ia ser fuzilado n'esse triste e desolado amanhecer, por cobardia... Porque, em frente do inimigo, tomado de pavôr, aturdido de espanto, sacudido de tremores convulsivos, fugira.

E João dos Montes pensava comsigo mesmo:

— Não... Eu não teria fugido. Atacado, alvejado sem piedade, açulados contra mim alguns milhares de homens, eu resistiria, eu defenderia a vida, eu mataria... Por mais duro que isso fosse, mataria! Era o meu direito de defêsa. Era em defêsa tambem dos meus companheiros de armas. Luctaria com raiva, com desespêro, até vencer ou ser vencido... Mas esse, que fugiu, porque razão fugiria? Póde-se nascer cobarde como se póde nascer valente. E ninguem é culpado de ter nascido assim, cobarde e fraco...

A voz do raciocinio começava a inundar de luz a sua alma simples e viril:

— Foi um cobarde, porque fugiu. Está bem. Mas se ninguem é culpado de ter nascido cobarde, se ninguem tem culpa de nascer fraco, medroso e

tímido, por que motivo hão de obrigar os fracos, os medrosos, os cobardes, todos os que teem essa infelicidade involuntária emfim — a bater-se, a combater, a entrar em combate de carabina em punho?

E repisava sempre, no seu espirito ingénuo, esses mesmos argumentos :

— Ora, muito bem. Se ninguem é responsavel de ter nascido cobarde, porque é que vão fuzilá-lo, então, por essa cobardia? Compreendo que venham para a guerra os que teem enthusiasmo por ella, os fortes, os valentes, os que querem essa guerra, os que se batem, como dizem os jornais, por um ideal qualquer. Quanto a esses, está bem. Assim o querem, assim o tenham. Mas trazer para este inferno de sangue e de lama, á chicotada, á coronhada, aos encontrões, gente que se arripia só de ver uma espingarda, não comprehendo. Estes não podem ser soldados. São rézes que vêem ser abatidas.

N'esse momento, entrava no páteo, quasi em braços, o condemnado. Passeava em redor de si os olhos desvairados de terror. Tinham de o segurar pelos braços, para não cahir. O mêdo á morte sacudia-o n'uma convulsão horrivel de agonia.

E a voz do official, fria, metálica, impassivel, como se fosse executar-se alli um acto de justiça, gritou :

— Fôgo !

Mas nem todo o pelotão cumpriu essa ordem. João dos Montes deixou cahir a espingarda, em um movimento de piedade irreprimivel, e ficou-se a

olhar a pobre rez humana que tombava por terra, varada de balas, pagando assim o crime, nefando e imperdoavel, de ter nascido . . . cobarde.

— *Era a guerra . . .*

João dos Montes já não voltava para a sua casamata de descanso. Entre bayonetas, ia ser julgado tambem . . . por cobardia. A cobardia de não ter disparado a sua arma contra um desgraçado, já insensível talvez aos altos designios da justiça humana.

Mas levava ainda em paz a consciencia.

*

* *

Antes de João dos Montes ser julgado, a herdade foi atacada por grandes forças inimigas.

Toda a resistencia era inutil.

Toda a heroicidade seria uma loucura — n'esse combate que teria de travar-se, na proporção de um contra cem.

João dos Montes, do cubículo que lhe servia de prisão, via o terror dos seus companheiros, lívidos deante do crepitar da fuzilaria junto ao portão chapeado de ferro da velha herdade em alvorôço . . .

Só o sacrificio de alguns homens, na defêsa heroica d'essa unica entrada, poderia dar tempo aos outros para uma fuga arriscada e difficil, por detraz

do tórvo casarão já em ruínas, até ao bosque próximo...

Quem se prestaria a esse sacrificio?

Quem teria, pelos seus irmãos de armas, esse audacioso desprendimento da vida?

As balas estilhaçavam já, lá ao alto, os vidros das janellas.

O inimigo atacava, ululante e vencedor, disposto a abraçar em chammas vingadoras a herdade inteira...

Entre a indecisão e o terror dos mais decididos, surgiu então alguém que nascêra... valente.

A janella gradeada da sua prisão estreita voou em pedaços, abalada pelos seus punhos de homem das montanhas — e João dos Montes saltou ao páteo já ensanguentado, encostou ao velho portão asediado uma enorme galera desmantelada, fincou-lhe o dórso herculeo, e exclamou para aquelles que dentro em pouco o teriam julgado e executado:

— Podem fugir agora...

E a retirada fez-se, desordenada e febril, saltando de muro em muro, içados uns pelos outros, até ao bosque.

Foram cahindo alguns, atingidos por pontarias mais certeiras, mas essas mortes eram episódios ligeiros que pouco interessavam os fugitivos...

N'uma guerra em que os dias são marcados por contínuas hecatombes, onde os mortos se contam sempre por milhares — pouco importava um cadáver a mais ou um cadaver a menos...

Quando o velho portão, fendido de alto a baixo, deu passagem aos assaltantes, João dos Montes cahiu tambem, exausto, arrazado de fadiga, mal podendo respirar, do seu esforço sobrehumano...

Ergueram-no. Sacudiram-no brutalmente. Encostaram-no aos destróços da carcomida galera já esburacada de tiros.

E uma voz, com accentuações bárbaras e desconhecidas, mas em palavras que elle já comprehendia bem, interrogou:

— Fôste tu que resististe?

João dos Montes, impassivel e sereno, não pronunciou uma palavra.

— Fôste tu que protegeste a retirada?

O mesmo silencio, tórvo e frio.

Voltando as costas, o official ordenou apenas:

— Fuzilem-no!

D'ahi a instantes, no vasto páteo mergulhado n'um silencio lúgubre, soou, cortante e implacavel, outra ordem:

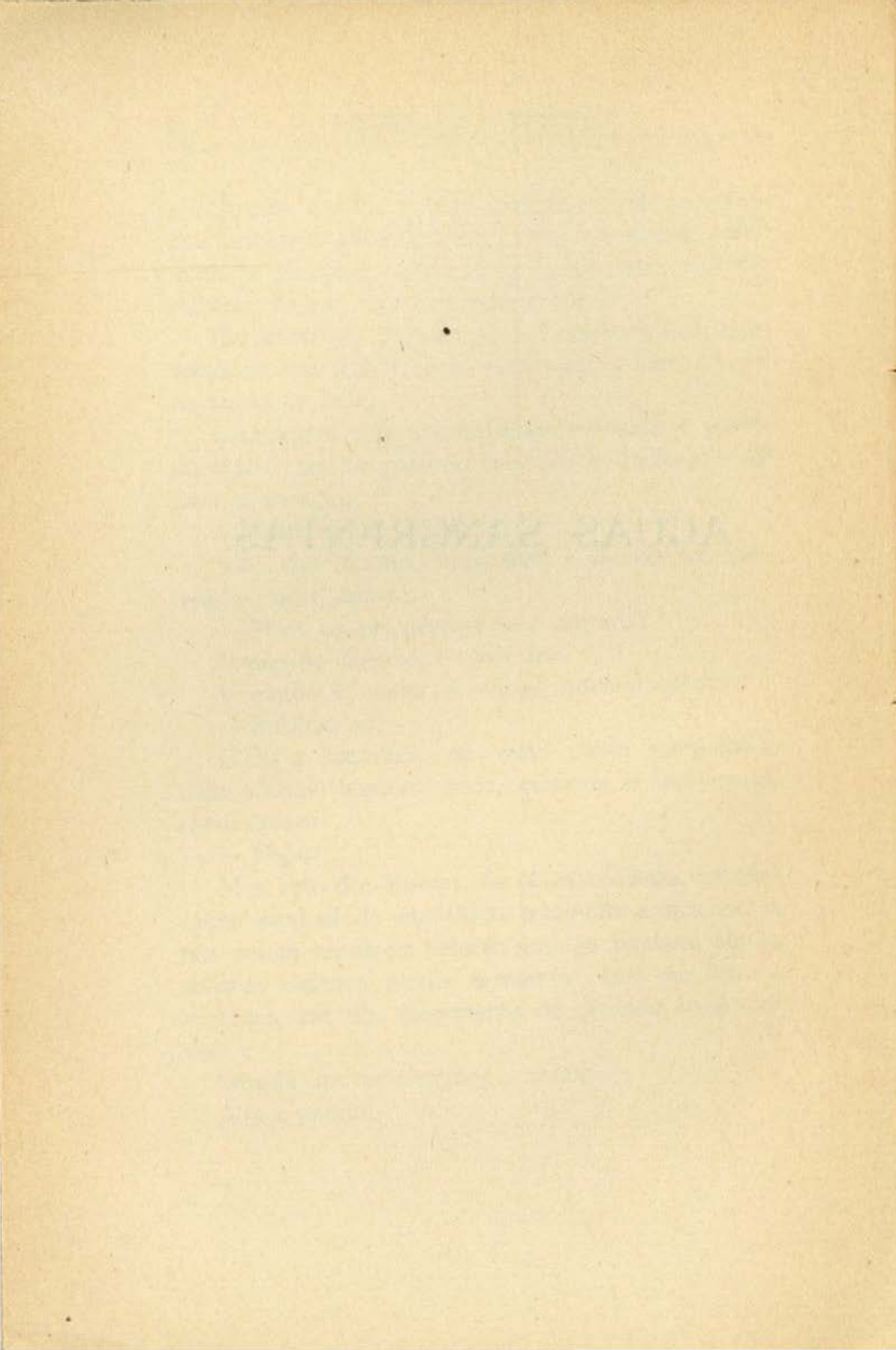
— Fogo!

Mas João dos Montes, de olhos cerrados, na evocação saudosa da sua aldeia tranquilla e distante, já não poude vêr se no pelotão inimigo tambem algum soldado deixava n'esse momento cahir por terra a carabina, em um movimento de piedade irreprimivel...

Morria por ter nascido... valente.

Era a guerra.

AGUAS SANGRENTAS



Aguas sangrentas

As avançadas, depois d'aquella marcha quasi triumphal, pararam junto á margem do rio, sob uma chuva formidavel de metralha.

O inimigo procurava firmar-se do lado opposto, sobre os montes da outra margem, cortados a pique, em rocha bravia e quasi inacessivel.

A ordem era clara, incisiva, terminante: *passar alem.*

Mas as ondas de atacantes, ceifadas em toda a frente por esse fogo de exterminio e de devastação, mal conseguiram formar, reunir-se, ordenar-se, para romper a muralha infernal d'aquelle bombardeamento quasi á queima-roupa, certo, dizimador, desconcertante.

A primeira ponte de barcas, lançada sobre o rio, fôra volteada e estilhaçada por um tufão de granadas. Homens e cavallos, armas e munições, tudo fôra

arrastado pelas aguas, que começavam a tingir-se, aqui e alli, de laivos sangrentos.

Relinchos de dôr, gritos de agonia, imprecações, blasphêmias, lamentos de desespero — extranha orquestração da morte, tropél satânico e indizível de desolação e de raiva — tudo se esbatia em um sussuro vago, mal se percebendo entre o fragôr tremendo da artilharia nos dois campos em lucta.

Dir-se-ia que das escarpadas ribas da outra margem, de cada garganta, de cada penhasco, de cada fenda, um monstro cyclópico e implacavel vomitava rajadas de fôgo destruidor.

Novas jangadas, para onde saltavam novos homens, novas victimas, novos heroes obscuros — tiveram a mesma sorte.

Entre os destroços fluctuantes, as aguas surgiam já sangrentas, como se as banhasse a luz escarlate, viva e intensa, de um pôr-de-sol.

Não eram listradas apenas d'essa côr fatidica e mortal: eram vermelhas, completamente vermelhas já, como se a batalha se travasse, cruenta, em um paiz de lendas, sobre um rio phantastico de sangue.

Nem a noite, que cahia como um pesadêlo sobre os dois exercitos, pôz termo á carnificina hedionda.

A cada tentativa para a passagem do rio, respondia sempre o mesmo chuveiro de granadas — violento, clamoroso, atroador, resoando na escuridão como o estalar continuo de uma trovoada inenarravel.

Os assaltantes apinhavam-se, para fugir áquella

ceifa tempestuosa e feroz, atraz de quantas defêsas naturaes o terreno lhes facultava: monticulos revestidos de carvalheiras emmaranhadas, rochedos dispersos, vallas abandonadas e lôbregas, por onde, antes, corriam levadas de agua crystallina a fecundar a terra.

*

* *

No seu abrigo, a carabina aperrada, os olhos em fogo, um soldado estremecia de espanto a cada tiro de canhão.

Odiava a guerra, revoltava-o aquella caça ao homem, selvagem, cruel, mais do que deshumana á força de inexplicavel e feroz.

Nascêra para trabalhar e amar, para cultivar os seus campos e florir de ternura a sua casa. Sonhára toda a vida com um lar abençoado e dôce, na sempiterna paz do seu rincão á beira mar.

E via-se agora alli, frente a frente com a morte, n'uma emboscada incomprehensivel, em uma patria que não era a sua, em um tropél confuso de linguas e de raças, matando para não morrer, acossando sem saber a quem, sendo acossado sem saber porquê.

No coração refervia-lhe um rancôr profundo. Odiava . . . Odiava tudo e todos: aquelles que o perseguiam, á bala e á granada, como se elle fosse um

animal feroz, e aquelles que o commandavam, que o atiravam para a frente, que lhe incutiam aquella sêde de sangue, aquelle mesmo desejo maldito de matar. . . para não morrer.

Ha poucas horas, junto d'elle, no mesmo abrigo, cahira, já rasgado o peito por um estilhaço em fogo, um camarada de regimento — e esse quadro, lugubre, commovente, turvava-lhe ainda, em lagrimas, os olhos esbrazeados de febre.

Estirado sobre a terra encharcada, sobre aquelle leito derradeiro de lama e de sangue, mal esboçára alguns gestos, mal conseguira balbuciar algumas palavras.

Trémulo, da tremura arripiante da agonia, entregára-lhe ainda uma medalha. . .

— *Para minha Mãe . . . Escreve-lhe . . . Que morri pensando n'ella.*

E de olhos cerrados, inerte, cadaverico, ainda a guela escancarada da ferida a borbotar em sangue, murmurára :

— *A minha Mãe . . . Escreve-lhe.*

Nada mais. Durante a mesma noite, angustiosa e fatal, quantos teriam adormecido assim, n'aquella alluvião de morte e de ruina, em um e outro campo, com o mesmo murmurio de saudade, de amor, de tristeza infinita. . . Quantos teriam succumbido assim, levando nas pupillas amortecidas e baças, esgaziadas e lividas, a imagem de outras mães distantes, sacrificadas á indiferença brutal d'aquelles que, em segurança e em conforto, impelliam, para a jornada sinis-

tra da morte, esses innumeraveis rebanhos de homens que mais pareciam rebanhos de rezes inconscientes...

Quando fechava os olhos para fugir á obcecação sombria d'esse quadro de horror, uma ordem breve, segredada de fila em fila, de trincheira em trincheira, de abrigo em abrigo, obrigára-o a erguer-se de um salto.

Contra a outra margem, ia tentar-se um ultimo assalto decisivo: a passagem do rio, a escalada audaciosa da ribanceira abrupta, a tomada á bayoneta das posições desejadas...

Para esse arranco de valor, só se admittiam voluntarios. Era a expedição da Morte, a aventura da gloria e do desespêro.

Mas elle, inconsciente, os olhos sempre em febre, as mãos crispadas na carabina, foi o primeiro a dar um passo em frente.

— *Morrer ou vencer* — disse-lhe alguém, quasi ao ouvido, na sagrada loucura d'aquelle cego heroismo.

— *Morrer apenas* — tornou elle, entre dentes, como se unicamente anciasse acabar depressa.

Reunidos todos os voluntarios — um general, hirto e solemne, falou a cada pelotão, em palavras quasi segredadas, mas com a eloquencia rígida e grave dos grandes momentos historicos.

Na noite soturna, essa voz teve uma grandeza magestosa de epopeia.

— Os que iam partir — dizia elle — quer os esperasse a victoria, quer os acolhesse a morte, deviam levar na alma, ardente e luminosa, uma canção de esperança. A terra, por entre aquelle fragôr de batalha, andava ensopada de lagrimas e de sangue. Mas essa argamassa trágica era indispensavel para cimentar as bases de um mundo novo, pleno de justiça e de liberdade — sagrados principios, immorredoiros e bemditos, que são o orgulho de todas as patrias livres.

— Elles que fossem — continuava a mesma voz apagada, a mesma voz prophética — e a Patria os cobriria de bençãos e de applausos.

Para a sua alma simples de soldado, aquella palavra Patria, proferida allí, pareceu-lhe um sarcasmo, uma sangrenta ironia.

Aquella terra, a embeber-se do seu sangue, fornalha immensa a vomitar metralha, talhada dia e noite a ferro e a fogo, não era a sua terra.

Não a amava nem a conhecia.

Atravessava-a agora, n'aquelle turbilhão phantástico, mas apenas via, por toda a parte, cidades que ruíam em chammas, cathedraes soberbas que desabavam em escombros, montões de cadaveres, rios de lagrimas — avalanche de morte e de ruínas, de fome e de dôr, de lucto e de inclemencias . . .

A sua Patria, a terra em que nascêra, ficava longe: um horto abençoado e calmo, entre florestas sempre sussurrantes, á beira do mar sempre azul e sempre lindo.

Campos de amôr, repassados de paz e plenos de fartura, onde a rêlha do seu arado, rasgando e fecundando a terra, era mais humana e mais gloriosa que a espada refulgente de todos os conquistadores. . .

*

* *

Mas a voz, solemne e grave, calou-se — e a marcha, aquella marcha a caminho da morte, fez-se sem um adeus aos camaradas, sem uma voz de comando, sem um ruido de armas, pela noite silenciosa e fria.

O proprio sussurro dos passos, cautelosos e leves, sobre a lama, era quasi imperceptivel.

Foi elle o primeiro a saltar na jangada trágica, sem um estremecimento, sem um calefrio, com a decisão inconsciente que lhe nascia do seu tédio pela vida — aquella vida insuportavel de forçado em galés de exterminio e de dôr incommensuravel.

De súbito, abalou-se a riba inteira em um fragôr infernal. E elle, entre os destroços da sua jangada, viu-se a boiar, rio abaixo, sob o olhar vitreo das estrellas moribundas, acossado pelos gemidos dos mutilados. . .

N'um redemoinho mais forte, submergiu-se um pouco — e as aguas, sussurrantes, vermelhas, junçadas de mortos e de feridos, souberam-lhe a sangue: a sangue fresco, a sangue ainda quente, ao seu pro-

prio sangue manando de feridas implacaveis e mortaes . . .

Mergulhou-o de novo uma corrente mais impetuosa. Depois, voltando ao cimo d'agua, e abrindo os olhos pela ultima vez, poude ver ainda, entre flocos cinzentos de nuvens, o olhar crystallino e dôce da Estrella de Alva — derradeiro sorriso do seu amanhecer derradeiro . . .

MORTO PELA PATRIA

Morto pela Patria

A ordem de mobilização surpreendeu-o em pleno noivado. Concluido o seu curso de Direito, montado o seu escriptorio de advogado, Eduardo só tivera um desejo, inabalavel e absorvente: dar fórma e realidade aos seus sonhos de amor, acalentados desde creança. E por amor se casou, pondo na paz e na tranquillidade d'aquelle lar todos os impetos generosos do seu coração ardente e môço.

E a ordem de mobilização, brutal, sêca, deshumana, chegára alli precisamente quando n'esses dois corações uma nova esperança florescia: a esperança n'aquelle filho tão desejado, já palpitante de vida e de fôrça nos flancos creadores da mãe amantissima e feliz.

Por isso, a despedida foi mais que dolorosa e triste. Foi o arrancar de duas vidas, o desabar soluçante de todos os seus sonhos de amor, o adeus tor-

turado de duas almas, separadas por aquella dôr infinita que não ha lagrimas que traduzam nem palavras que definam.

Ella cahiu para traz, no leito ainda humedecido do seu pranto, hirta, fria, em uma brancura de cadaver. Nem um ai, nem um grito, nem uma palavra. Uma onda de soluços, um estertor violento — e depois, aquella pallidez de morte. Apenas aquella pallidez gelada e muda.

Elle partiu, sufocado de tôrvos presentimentos, os olhos a saltar das órbitas, no coração uma tempestade surda de revolta e de desespêro supremo.

Que seria d'ella, abandonada e só na vida, sem um amparo, sem um peito amigo? E que seria do seu filho, se a dôr o não estrangulasse nos proprios flancos da mãe?

— A guerra, a guerra maldita e implacavel... Que teriam elles, tão felizes no seu lar, com esse choque de ambições, com esse embate formidavel de povos e de raças, desencadeado por aventureiros sem coração e sem alma? Em nome de que direito, de que falso principio de justiça e de liberdade, iam despedaçar-lhes, assim, a vida inteira?

E quando, depois de algum tempo de instrucção militar, o mandaram seguir para a frente, commandando aquelle inconsciente e bisonho rebanho, no seu coração, na sua consciencia, na sua alma onde cachoava, amordaçada, uma brava revolta insufocavel, ergueu-se o primeiro clarão de justiça.

— Tantos condemnados á morte... Quem sabe se algum d'estes infelizes não terá tambem como eu um filho prestes a nascer? Quem sabe se algum d'elles não deixou tambem, lá ao longe, contrahida de dôr, ensombrada de luto e de miseria, a mulher que na vida mais desejou e mais amou?

A noite cahia, tumular, agoirenta, taciturna e mysteriosa, abalada a espaços pela trovoadá longinqua da artilharia em fogo. E o rebanho, inconsciente e resignado, marchava sempre, silencioso, sobre a lama, como que n'uma caminhada fatal e inevitavel para a morte.

Névoa e lama por toda a parte, como se aquella terra maldita só soubesse desabrochar em charcos, como se n'aquelle céo aziago nunca tivesse alvorecido um dia de sol glorioso e terno...

Mas, por aquella terra, que não era a sua, é que iam morrer. Debaixo d'aquelle céo, que os não vira sorrir para a vida, é que iam tombar para sempre.

Porquê? Porquê?

Se aquella terra não era a sua, se não era sua aquella patria, por que razão haviam de ir morrer por ella?

E não era só no rebanho enlameado e exausto que essa pergunta surgia, de coração em coração, a tornar-se grito de revolta, a subir como onda de tempestade.

Eduardo, mais culto, mais sabedor, perdia-se nas trevas da mesma interrogação asfixiante.

— Com que direito vou eu atirar para a morte

com esta centena de homens? Sabe algum d'elles por que vae morrer? Tem algum d'elles consciencia da sorte que o espera?

Perto, cahiam já granadas. Columnas de terra e fumo erguiam-se no ar, como se uma legião de gigantes sobrehumanos andasse rasgando o solo e semeando vulcões a cada passo.

— Meu capitão, o temporal engrossa — resmoneou um soldado, joven pescador do mar alto, de tristes olhos nazarenos.

E Eduardo, entre dentes, forte na sua alma de apóstolo e de rebelde:

— Deixa engrossar. Para que os aventureiros engordem, na tranquillidade dos seus palacios em festa, é preciso que os asnos como nós rebentem para ahi, acozando-se como feras.

Na columna em marcha houve um surdo rumor de tempestade. O rebanho comprehendia. As palavras de Eduardo iam passando de fila em fila, cortantes, ardentes, mordazes, semelhantes a uma vaga promessa de libertação. . .

Um soldado, encharcado até aos ossos, incapaz de seguir mais longe, sufocado de tosse, enraivecido de canção, atirou-se para a beira do caminho, extendendo-se na lama, rechinando os dentes n'um impeto de rebeldia.

— Não quero. Não posso mais.

A columna, meio tresmalhada, surprehendida por aquelle grito de protesto, parou, amotinou-se em

volta d'aquelle farrapo humano sacudido por um supremo esforço de resistencia.

— Não quero. Não posso mais.

Do meio da turba houve gritos de aplauso. Surgiram carabinas aperradas.

— Nós também não.

Eduardo comprehendeu e sorriu-se. Era o rebanho de rezes inconscientes a transformar-se em turba humana. Era o escravo a despertar como homem.

E o vago sussurro de revolta tornou-se em clamor formidavel :

— Não queremos ! Não podemos mais !

Mas Eduardo reclamou silencio. Recuar, ou não avançar mais, era desertar deante do inimigo. Era dar uma impressão ultrajante de cobardia.

— Não, rapazes. . . Não ! A resistencia era lá, antes de embarcar, quando esse era o nosso direito, o nosso absoluto direito. Agora, é tarde.

— Porquê ? Porquê ? — ulularam dezenas de vozes.

— Porque temos de honrar a terra em que nascemos.

— Nunca deixámos de a honrar, quando ella foi atacada. Mas esta não é a nossa terra. Nada lhe devemos.

E Eduardo, colérico, de pistola em punho, a voz mais alta e mais cortante :

— Pois, por isso mesmo. . . Ha ahi alguém que n'uma terra extranha queira deshonnar a sua terra, mostrando-se cobarde ?

Fez-se silencio. E o môço pescador do mar alto, de tristes olhos nazarenos, gritou :

— Diz bem, meu capitão. Agora, é ir para a frente.

E, sob a noite fria e nevoenta, toda a columna, sem excepção de um unico homem, continuou a marcha, enlameada, derreada, sinistra, arrastando-se na escuridão semelhante a uma ronda trágica de espectros.

Um kilometro mais alem, a columna foi varrida por uma granada inimiga . . . Vinte, trinta, quarenta homens que cahiram para sempre, despedaçados e sangrentos.

Eduardo foi debruçar-se sobre cada corpo estendido na lama.

— Meu capitão — soluçava um, no derradeiro estertor — não se esqueça de escrever a minha mãe . . .

— O meu filho que fica na miséria — sussurrava outro, os olhos turvos de lagrimas.

E Eduardo, frio, impassivel, contrahido de raiva, calcando na alma a sua revolta sufocante, perguntava a si proprio :

— Tinha eu o direito de conduzir estes homens á morte ? Tem alguém o direito de argamassar com lagrimas e sangue o pedestal das suas ambições na terra ?

Quando o dia começou a alvorecer, cantava um rouxinol descuidado na margem verdejante de um regato proximo. E a columna reatou a marcha, mais

sombria, mais tôrva, mais silenciosa, mais ensombrada de maus preságios — como se cada homem fosse perguntando a si próprio :

— Quantas horas, quantos minutos terei de vida ?

Como se em cada peito andassem a uivar estas palavras de condenação e de redempção :

— Maldita seja a guerra . . .



Certa noite, as trincheiras da primeira linha começaram a ser devastadas por um formidável tufão de metralha. Dir-se-ia que o horizonte, em frente, se abria em rajadas de fogo e se convulsionava em ribombos ensurdecedores.

— D'esta vez, meu capitão, é que chovem picarêtas — gracejava um soldado extremenho, de face glabra e cabelleira hirsuta.

E Eduardo, n'aquella fleugma inalterável, forçada máscara do seu odio aos sinistros empreiteiros da guerra :

— Deixa chover, rapaz. Quem corre por gôsto não cança . . .

— Por gôsto, meu capitão ?

— Sem duvida. Não estás aqui porque queres ? Não se trucidam uns aos outros, como feras, porque querem, todos estes milhões de imbecis ?

— Porque querem? . . . — resmoneava o soldado, mastigando uma ponta de cigarro.

— Sim, animal, porque querem. Quantos soldados julgas tu que se andam aqui a exterminar, a ferro e a fogo, brutalmente, estupidamente, selvaticamente, de um lado e de outro? Cinco milhões? Dez milhões?

O extremenho meneava a cabeça, a fazer cálculos:

— Sim, talvez dez milhões . . .

— E quantos generaes os commandam? Quantos é que os obrigam a marchar para a frente, a matar e a morrer? Cinco generaes? Dez generaes? Ora já tu vêes . . . Se bastam cinco ou dez homens para obrigar dez milhões de outros homens a despedaçar-se como se fossem lóbos — é porque esses dez milhões o querem, é porque esses dez milhões o desejam. De contrario . . .

O soldado atirava fóra a ponta do cigarro, como que monologando para dentro:

— De contrario, não seriam dez milhões de homens. Seriam dez milhões de animaes.

E Eduardo, sem se conter:

— Dizes bem, rapaz. Dez milhões de animaes inferiores. De animaes inconscientes.

Cahiu um obuz, cegando-os, com uma poeira infernal. Alguns passos adeante, havia um tumulto ruidoso, de imprecações, de pragas, de gemidos, de sufocados ais de agonia . . . Perto de Eduardo veio cahir uma cabeça, decepada cerce do tronco — e aquelles

olhos mortos, desvairados, sinistros, pareciam gritar uma indizível maldição. Pareciam esforçar-se n'um desejo formidando de revolta.

Eduardo teve uma contracção de horror. Aquelles olhos dir-se-ia que o fitavam, coléricos, hediondos, ferozes, accusadores, n'uma interrogação implacavel:

— Serias tu que me conduziste á morte? E porquê? Para quê? Dará mais pão a terra porque o meu sangue a regou?

Fugiu dalli, tranzido de espanto. Agora, sobre a trincheira já desmantelada, não cahiam apenas granadas. Investiam contra ella verdadeiras ondas de assalto: ondas de bestas feras, de mãos crispadas e olhos coruscantes, respirando polvora, cheirando a sangue, escorrendo de lama e de suor nauseabundo...

Já não eram precisas vozes de comando. A lucta, em toda a frente, ia travada corpo a corpo, n'uma carnificina bravia e inenarravel, como se se tivessem aberto, face a face, algumas jaulas colossaes de milhares de feras esfomeadas e sedentas...

Eduardo, em meio do tumulto, insensivel e taciturno, cruzára os braços — olhando a montearia infernal e miseranda.

— Saberá algum d'estes homens por que mata? Saberá algum d'elles por que morre?

E lembrou-se, n'aquella hora suprema, do seu lar abandonado e longinquo.

A sua casa, o seu amor, o seu filho prestes a nascer...

Quem o guiaria na vida ?

Quem lhe daria o pão de cada dia ? A pobre mãe, delicada e tímida, já talvez semi-morta de tanta lagrima chorada ?

Não . . . Não havia sentimento humano, por mais nobre que fosse, que o pudesse forçar á morte estúpida e feroz d'aquella batalha monstruosa.

Deante do primeiro soldado inimigo, ergueria os braços, entregando-se. Uma cobardia ? Uma traição ? Talvez . . . Talvez a moral, que tornava possível aquella sangueira bestial, classificasse o seu acto de cobardia e de traição. Mas o seu filho, o filho do seu amor, razão unica hoje da sua existencia, não ficaria ao abandono e á fome. E contra essa moral, estúpida e feroz, teria elle a satisfação da propria consciencia, que nessa hora suprema lhe gritava :

— A tua vida não te pertence. Não tens o direito de morrer.

Mas, ao erguer os braços, n'esse gesto consciente de entrega, uma bala attingiu-o em pleno peito. E cahiu de bôrcó, golfando sangue, sem um ai, sem um gemido, indifferente á enraivada turba que o pisava, que o calcava a pés, na desvairada furia da perseguição e da chacina.

Sobre o tumulo, de pedra rasa, esculpiram-lhe mais tarde esta legenda . . . consoladora e heroica :

— *Morto pela Patria.*

Mas a pobre mãe, que ás tardes alli vae chorar, aconchegando ao peito o filho estremecido, parece

sempre perguntar, no seu silencio feito de dôr e de revolta :

— Mas qual Patria ? Então, para que uma Patria exista, feliz e grande, será forçoso alimentá-la a sangue ?

THE HISTORY OF THE UNITED STATES

CHAPTER I
THE EARLY HISTORY OF THE UNITED STATES

The first European settlers in North America were the Spanish, who discovered the continent in 1492. They established colonies in Florida, the Southwest, and the Caribbean. The English followed in 1607, settling in Jamestown, Virginia. Other English colonies were established in New England and the Middle Atlantic region. The French also established colonies in the Mississippi Valley and the Great Lakes region. The Dutch, Swedish, and Danish also had colonies in North America.

The American Revolution began in 1775, as the colonies fought for independence from British rule. The war ended in 1781 with the British surrender at Yorktown. The United States was declared independent on September 3, 1783. The new nation was governed by the Articles of Confederation until 1789, when the Constitution was adopted. The Constitution established a federal government with three branches: the executive, the legislative, and the judicial.

The United States has since become a major world power, with a strong economy and a large military. It has played a leading role in the world since World War II.

O HOMEM SEM NARIZ

U. NORTON & SONS

O homem sem nariz

Era rara a tarde em que não passava na minha rua — cambaio, grotesco, sinistro, a cara retalhada de cicatrizes, o nariz cortado rente por algum estilhaço de granada.

— Um mutilado da guerra — murmuravam na vizinhança, ao vê-lo caminhar assim, aos tropeções, tacteando a rua, como se por detraz dos seus olhos negros não existissem mais do que duas órbitas cavadas a fogo, rasgadas, dilaceradas, ensanguentadas talvez.

A mim fazia-me recordar sempre o homem sem cara de Albert Boissére. E, para que essa recordação fosse mais justificada, mais persistente, até os garotos da rua lhe chamavam, perante aquelle ar de malifício e de mau agoiro, o Homem sem Nariz.

Era velho? Era novo? Teria sido alguma vez

aprumado e galante, audacioso e bello, attrahente e dominador? Ninguem o poderia dizer. Agora tinha um qualificativo apenas: monstruoso.

E o seu contacto, na rua, evitavam-no homens e mulheres, n'um irreprimivel impulso de repugnancia e de temor. Porque esse homem — Cruz de Guerra, Torre e Espada, Valor Militar — que certamente fôra um heroe, que se batêra como um leão, que cahira no campo de batalha trucidado, ensanguentado de feridas gloriosas, nem sequer inspirava aquella admiração tantas vezes votada a autênticos imbecis que o acaso transformou em heroes.

Grotesco, escalavrado, mutilado, a sua apparição produzia sempre, fosse onde fosse, um movimento de mal contido asco. Havia quem se benzesse, ao passar por elle :

— Malapata, malapata . . .

Era, emfim, uma figura lúgubre, de tragédia grega, ameaçadora, agoirenta, sombria, cavernosa. Mas como tinha os beiços fendidos de alto a baixo por um rasgão de bayoneta que lhe punha na bôea um eterno sorriso de chasco, escarninho e feroz, ninguem poderia dizer, afinal, se aquelle espectro singular lhe causava uma simples impressão de chocarreiro espanto, de repugnancia ou de terror.

— Era o Homem sem Nariz. Era o mutilado da guerra.

Dos seus feitos, dos seus heroismos, da sua abnegação, da sua passagem tormentosa por aquella

guerra de extermínio, ninguém contava uma palavra mais. Unicamente no peito, semelhantes a uma gargalhada de ironia, esses três sarcasmos: Cruz de Guerra, Torre e Espada, Valor Militar . . .

Em tudo mais — o Homem sem Nariz, apenas.

*

* *

Uma tarde, sem saber porquê, por um invencível sentimento de curiosidade talvez, fui sentar-me junto d'elle, no mesmo banco, em um recanto sombrio e deserto do Jardim da Estrella.

Teve como que um arripio de mau humor. Moveu os beiços n'um grunhido surdo. Fez menção de se erguer d'alli.

— Incommódo-o? — perguntei eu a mêdo, a voz quasi velada de respeito e de receio.

Um silencio, soturno e frio, hostil e selvagem.

— Incommódo-o? — repeti eu, pertinaz, persuasivo, como se me propuzesse desvendar o mysterio tenebroso d'aquella vida.

Pareceu-me que por traz d'aquelles oculos negros e enigmáticos tinha passado um clarão de assombro. E uma voz metálica, fria, agressiva, monologou:

— Não . . . Não me incommóda.

Era uma tarde de outomno, calma e deliciosa, toda doirada de um sol piedoso e môrno. Sob o docel

amarelento das arvores, cujos cimos o poente salpicava de uma luz branda e ténue, ranchos de creanças brincavam.

Dois velhos mendigos, n'um banco aparte, calados e silenciosos, pareciam ter no olhar, vago e scismador, este sangrento sarcasmo :

— Quantos dias de pão e de confôrto nos dariam as simples boneças d'essas creanças, os mil objectos inuteis com que se divertem !

Uma pequerrucha loira, estouvada e alegre, fugindo de outras, veio parar junto de nós. Mas, ao fitar o mutilado, que parecia agora abrir os beiços n'um sorriso ainda mais monstruoso, começou a recuar, aterrada e receosa, como se a surprehendesse uma visão malfazeja.

— Não fuja, anda cá — disse-lhe eu, condoído d'aquelle farrapo humano que junto de mim se contorcia agora em profundos soluços mal reprimidos.

E como a creança abalasse, cada vez mais aterrada, o mutilado murmurou, entre dentes :

— Se o senhor soubesse ! Se o senhor soubesse !

— Se eu soubesse o quê ?

Mas o mutilado, n'um desânimo que me fez estremecer, apenas soluçou :

— E' que essa creança é minha filha . . .

Houve entre nós um silencio doloroso.

— Sim — continuou depois — é minha filha . . .

Para que ella não tivesse horror a beijar-me, para não forçar minha mulher a viver amarrada a um

monstro repugnante, fiz-me passar por morto. Hoje, vivo com um nome supôsto, defronte da casa que foi minha.

— E para quê?

— Para ver essa creança, que é minha filha, que é todo o meu amor, que é toda a minha vida. Beber o ar que ella respria, contemplá-la de vez em quando, seguil-a na rua quando sahe, saber que estou perto d'ella — resume-se n'isto, apenas, a minha existencia de hoje. Para evitar-lhe o mais leve desgosto, subiria de novo o horrivel calvario da guerra — ainda que soubesse que essa jornada tenebrosa me tornaria mais monstruoso ainda. Por ella, por minha filha, daria mil vidas, se as tivesse. E, comtudo — veja bem! — só lhe inspiro horror . . . Maldita seja a guerra!

— E sua mulher? Não o reconheceu? Nunca suspeitou de coisa alguma?

Contrahiu-lhe toda a cara um rictus hediondo de odio e de rancôr.

— Minha mulher . . . não tem tempo para me recordar. Gosa a pensão do Estado, que a convicção official da minha morte lhe garantiu — e trata de se divertir o melhor que sabe e o mais que pode. A mulher é o bicho mais egoista e mais caprichoso da criação inteira. A lenda do seu espirito de sacrificio e de abnegação não passa de uma ridicula mentira convencional. Acredite . . . Com rarissimas excepções, não ha mulheres. Ha apenas fêmeas, com caprichos

sempre ao sabôr das fluctuações do proprio cio. Fêmeas . . . Nada mais do que fêmeas. Ou antes: viboras. Nada mais do que viboras.

Sufocou-o, durante instantes, uma golfada de rancôr mais profundo.

Depois, como se eu lhe tivesse inspirado confiança, como se sentisse um indomável desejo de falar e desabafar com alguem, proseguiu :

— Lembra-se dos contos da guerra, de Blasco Ibanez? Recorda-se de um, intitulado *O Monstro?* Não? Pois eu lh'o resumo . . .

A grande guerra foi encontrar em pleno noivado Mauricio Delfour, herdeiro de uma fortuna colossal, e Odette Marsac, parisiense elegante, com um nome famoso na primeira sociedade. Elle, mobilizado, teve de partir para os campos de batalha. Ella ficou em Paris, arrastada entre as delicias da sua vida principesca e alguns trabalhos nos hospitaes militares como enfermeira amadora.

E, um dia, o palacete Delfour, do Parque Monceau, foi alvoroçado por um acontecimento sensacional e tristissimo: a noticia de que o moço milionario ficára gravemente ferido pela explosão de uma granada.

Odette quiz partir immediatamente para o hospital de sangue nos campos de batalha, mas não lh'o permittiram. E alli ficou, entre as suas amigas de Paris, orgulhosa por seu marido se ter distinguido emfim. Limitava-se a estas mudas interrogações :

— Que ferimentos seriam? Um braço perdido?

Sim, Mauricio devia ter ficado sem um braço. Mas ella seria o seu apoio, os seus braços lhe serviriam a elle de amparo e de ajuda pela vida fóra. O principal era tornar a vê-lo, contemplar-lhe o rosto, mirar-se nos seus olhos claros, acariciadores e graciosamente irónicos.

Como ella o amava! Como ella lhe queria!

As amigas acolhiam-na sempre com a mesma pergunta:

— Como vae o ferido?

E ella respondia sempre, tambem, com absoluta confiança:

— Melhor. Vem para Paris brevemente.

E passavam mezes, chegavam cartas e mais cartas, mas sempre de uma letra extranha, dictadas pelo ausente. A mãe, inquieta, interrogava todas as pessoas das suas relações, como se suspeitasse de que lhe ocultavam alguma coisa. Mas respondiam-lhe, invariavelmente:

— As feridas são muitas. Comtudo, já está livre de perigo. Coragem! O importante é que elle viva!

Até que, certa manhan, Odette saltou do leito, subitamente despertada por qualquer coisa extraordinaria que estava pondo em alvorôço toda a casa. Na rua, um automóvel da Cruz Vermelha. Dentro, subindo a escadaria, um grupo de homens que conduziam qualquer objecto, certamente muito frágil, totalmente envolto em roupas. O coração estreme-

ceu-lhe de impaciencia. Era, certamente, Maurício.

E correu para o melindroso fardo, atropelando os creados que pretendiam interromper-lhe o passo. Sobre as almofadas de um divan repoisava uma cabeça dolorosa, atrozmente desfigurada, as faces sulcadas pelo lívido arabesco das cicatrizes. Dos olhos, restava-lhe um apenas. Mas era elle.

Depois, viu-lhe o peito, coberto pelo panno azul de um velho dólman de official. E nada mais. Odette vacillou sobre os pés, como se a surprêsa a tivesse fulminado, e soltou um grito. Porque esse corpo resumia-se áquillo: a um simples tronco, assim conservado por um prodigio de cirurgia. Faltavam-lhe os braços, faltavam-lhe as pernas — nada mais do que um farrapo rematado por uma cabeça vivente.

— Odette! Odette! — murmurou aquella bôcca negrusca, humildemente, como se lhe pedisse perdão por semelhante desgraça.

Mas Odette fugia, tomada de espanto, louca de terror, sacudida de repugnancia.

Pois quê? Teria de passar, toda a vida, amarrada a esse farrapo monstruoso?

E fugia sempre, desgrenhada, espavorida, galgando aos andares superiores. Depois, a mesma repugnancia se apoderou dos proprios creados, que se retiravam, entre assustados e enojados, evitando a vista d'esse ser gelatinoso e repellente — mucosidade informe da guerra.

O proprio cão favorito de Mauricio fugia a aproximar-se do dono. Gemia, rosnava a distancia, avançando e retrocedendo em violentas alternativas de lealdade e de espanto.

E Mauricio, que tinha milhões e que tanto amava a vida, via-se agora, para sempre, á margem d'essa mesma vida — objecto de horror e de repugnancia para todos. Morrer . . . Ah! Como seria bom morrer! Como seria bom morrer!

Mas, de súbito, alguém entrou, em ancia, no gabinete abandonado. E Mauricio sentiu nas faces destroçadas uma aluvião de beijos, uma onda frenética de caricias, o bálsamo consolador de uma torrente de lagrimas . . . Alguem que o estreitava nos braços e que o devorava de beijos, alguém que não sentia horror por aquelle tronco informe e doloroso . . .

— Meu filho! Meu filho!

— Minha mãe! Oh! Minha mãe!

*

* *

Calou-se o homem sem nariz. Pelas faces, laivadas de rôxas cicatrizes, desciam-lhe lagrimas tambem. E esse pôr-de-sol outoniço, entre risadas claras de creanças e aquella dôr formidavel e sombria, emmudecia-me n'uma crispação de espanto.

— Horrorizou-o esse capitulo de tragédia?

— Sim, horrorizou — murmurei eu, quasi a mêdo.

— Pois, a minha tragédia é mais lóbrega ainda. Porque eu nem mãe já tenho para chorar comigo.

Ergueu-se, cambaleando. Afastou-se como um phantasma crepuscular, em busca de esquecimento e de repouso eterno. Mas no jardim, batido ainda dos ultimos raios do sol, resoavam sempre as risadas crystalinas da filha, rosa a abrir para todas as alegrias da vida e do amor...

Maldita seja a guerra.

A REVOLTA

A REVOLTA

A Revolta

Ao chegar á floresta, onde os obuzes inimigos começavam a abrir clareiras, o regimento estacou — sem uma ordem, sem uma voz de commando, sem uma indicação qualquer. Dir-se-ia que o mesmo impulso fizéra pafar todos esses homens, n'aquella marcha forçada para a primeira linha de fogo.

Mudos, taciturnos, o olhar mortiço e duro, agruparam-se instinctivamente, como se os absorvesse, irresistivel e dominadora, uma unica vontade :

— *Não ir mais alem.*

Nem uma palavra, nem um grito, nem um gesto mais ostensivo de revolta. E perante aquelle silencio, obstinado e tórvo, os officiaes tiveram alguns momentos de indecisão. Seria a resistencia passiva? Seria a recusa, pura e simples, a seguir para a frente?

Ou a rebellião, clara, terminante, decisiva, contra a guerra?

O capitão Rothenard, mais impulsivo, mais francez, mais *panache* enfim, quiz acabar com aquella situação, absolutamente desairosa para o commando:

— Então, continuâmos a marcha, como soldados francezes que somos? Ou ficâmos, aqui, a meditar e a tremer como mulheres?

Estava quebrado o encanto. Da turba, até alli silenciosa, ergueu-se um rouco sussurro de protesto.

E um operario marsehez, syndicalista e libertario, deu um passo em frente, n'uma attitude provocadora e audaciosa:

— Continuâmos a marcha, se quizermos. Somos homens livres.

— Deante do inimigo, só ha uma liberdade: a liberdade de . . . obedecer. Vamos! Em marcha! — gritava o capitão Rothenard.

Mas como a metralha continuava a cair, a toda a largura da floresta, insistente, implacavel, destruidora, barrando-lhes a passagem, esta ordem desencadeou, mais viva, a resistencia.

— Não somos nenhuma leva de grilhetas!

— Nem um rebanho de escravos!

— Nem simples carne para canhão!

O marsehez, mais irrequieto, mais insubmisso, com os seus pruridos de homem consciante e livre, organizava a rebellião. Agora, voltado para os camaradas, incitava-os abertamente á deserção em massa:

— Abaixo a guerra !

— Basta de matança !

Mas o capitão Rothenard, homem de ordem e disciplina, chauvinista impenitente, abateu-o com uma bala certa.

— Quem recuar . . . morre !

E n'um movimento de asco irreprimivel :

— Canalhas ! Cobardes !

Na soldadesca, houve um instante de terror. O corpo do marsehez, contorcendo-se na agonia, os labios branqueados de espuma, produziu um arripio lugubre de frio.

Mas, logo a seguir, trinta, quarenta, cinquenta espingardas, alvejaram o capitão Rothenard.

— Vá ! Não hesitem, que matam um francez !

E uma descarga cerrada, brutal, angustiante, cortou os ares.

Cahiram por terra três officiaes : á frente o capitão Rothenard, primeira victima, allí, d'aquillo a que se convencionou chamar o dever patriotico.

— Abaixo a guerra !

— Abaixo a tyrannia !

E a soldadêscas, desvairada, ululante, sinistra, cevou nos restantes officiaes todo esse desvairamento — mixto de raiva e de cobardia, de rebellião sangrenta e de horror ás responsabilidades d'aquella chacina feroz.

Um d'esses officiaes, ao morrer, ainda teve fôrças para gritar :

— Viva a Patria !

Mas da avalanche dos amotinados alguém ululou logo :

— A Patria . . . Mas foi a Patria, de facto, que nos atirou para esta sangueira sem nome ? Ou andámos aqui, todos nós, a morrer na defêsa dos interesses de alguns aventureiros sem Patria ?

Era este o rastilho de revolta que incendiava as almas. Esta a propaganda dissolvente — assim a classificavam os homens de Ordem — que transformára em feras insubmissas todos esses autómatos de carne brutalizada por seculos de escravidão e de obediencia passiva.

*

* *

O fôgo de barragem continuava a arrazar, ininterrupto e devastador, a velha floresta rumorejante e sagrada. Cahiam por terra, rasgados e dilacerados, caívalhos seculares, sob cujos ramos talvez tivessem entoado os seus canticos ao sol os druidas da velha Gállia legendária . . .

Pinheiros silenciosos e tristes, monges solitarios na eterna contemplação do céu, tombavam sem protesto, vagarosos, indifferentes, resignados, amortecendo o ruido da queda no emmaranhado tapete das trepadeiras sempre verdes . . . E alli ficavam, felizes daquelle descanso para sempre e como que sorrindo

ainda á imbecilidade inclassificavel da humana avalanche exterminadora :

— Estupida humanidade, que te não importas de destruir, num rapido momento, aquillo que levaste seculos e seculos a crear !

Mas, triumphante a revolta, trucidados aquelles que podiam impôr á turbamulta desvairada a Ordem e a Disciplina — que fazer ?

Em frente, a floresta em fôgo, cortada de barrancos, semeada de metralha, povoada de perigos desconhecidos. Para traz, a ameaça dos códigos militares, inflexiveis no castigo, implacaveis na repressão, cegos na applicação rigida e fria d'aquillo a que alguns amotinados chamavam, depreciativamente, a justiça burgueza e capitalista.

Um soldado imberbe, joven syndicalista tambem, audacioso e temerario, quiz levantar o moral d'aquelle pobre rebanho de homens insubordinados :

— Camaradas : as fôrças que nos vierem atacar, hão de fazer causa commum connosco ! Esses soldados são homens livres como nós somos.

E, de facto, na vasta campina encharcada e nevoenta, avançava uma larga sombra movediça. Outra avalanche de homens empurrando filas interminaveis de metralhadoras, empunhando carabinas, avançando friamente e resolutamente em direcção ao regimento sublevado.

— São homens livres como nós ! — repetia o joven

syndicalista, na furia do seu ingenuo fanatismo libertario. — Hão de fazer causa commum commosco !

*

* *

Mas aos gritos estridentes dos sublevados, respondia, por parte da columna em avanço, um frio silencio de morte. O ruido d'essa caminhada através da campina lamaçenta semelhava-se muito a uma agoirrenta e luctuosa marcha funebre.

— Atirêmos fóra as armas ! Dêmos vivas á liberdade e á fraternidade humana !

E a columna de ataque, quando se tornaram claros e intelligiveis esses gritos de revolta, que podiam realmente estabelecer o contágio, fez alto. Uma voz de commando bradou :

— Fogo !

Crepitavam de um lado, incessantes e indifferentes, as metralhadoras. De outro lado cahiam homens, golfando imprecações, rangendo os dentes n'um terror mal contido, fugindo como lebres que uma extranha montearia fosse abatendo a pouco e pouco . . .

Os homens livres, que chegavam, encolletados n'uma farda, crismados com um numero, abatiam, indifferentemente, friamente, automaticamente, os homens livres d'esse regimento revoltado.

*

* *

Homens livres ? Homens conscientes ?

Quando a columna de ataque, defensora do direito, da justiça e da liberdade — porque todas as guerras modernas procuram apenas, commovedoramente, a liberdade dos povos — acabou de exterminar o ultimo sublevado, o commandante avançou para um montão de cadáveres, onde o joven syndicalista, com as garras da morte já a apertar-lhe as guelgas, ainda regou-gava a sua extranha reivindicação: o seu direito a viver.

— O seu direito a viver . . .

E esse homem, que pronunciára a ordem de fogo, e que tão facilmente vencêra essa diminuta horda de vencidos, ouviu que lhe segredava a consciencia :

— Afinal, quem terá razão ? Estes que morreram ?
Ou nós, que os matámos ?

Atraz, os homens livres da columna vencedora vociferavam agora :

— Viva a Patria !

— Viva a Patria !

Mas a verdade é que os mortos execrados, que alli ficavam, expostos á voracidade irreverente dos corvos e dos abutres, tinham nascido tambem na mesma Patria heroica e generosa, que desinteressadamente se batia pela justiça, pelo direito e pela liberdade . . .

UM BRAÇO A MENOS

Um braço a menos

O soldado 476, da 3.^a divisão do Deposito Militar Colonial, Abilio José Lopes Fernandes Braga, bateu-se em Africa pela Patria e lá arruinou a sua saude.

Este pobre inválido da guerra, que morava em Pedrouços, Aguas Santas, concelho da Maia, não podia trabalhar para sustentar sua mulher e quatro filhos, o mais velho dos quais tem seis annos.

Vendo que a fome lhe ia matando lentamente os seus entes queridos, e não tendo maneira de remediar uma tal situação, elle, que foi um bravo na nobre defêsa da sua Patria, suicidou-se na passada terça-feira.

Do *Diario de Noticias* de 16 de Fevereiro de 1925.

Nas trincheiras da primeira linha, quando a sorte os designava a ambos para o mesmo posto de observação, Antonio da Luz, tismado pescador da costa algarvia, e Manoel da Graça, alegre cavador de uma aldeia extremenha, costumavam sempre discorrer sobre as causas e os effeitos da grande guerra.

— Afinal de contas, ainda não percebi bem — começava uma vez Antonio da Luz — porque é que nos mandaram para esta extranja amaldiçoada, a matar e a morrer.

— Não percebes, porque és estúpido — respondia-lhe inalteravelmente Manoel da Graça, ironico, indiferente, superior, mordiscando philosophicamente a ponta de um cigarro.

E proseguia, no mesmo tom, atirando para a frente, como se fossem rajadas de gaz asphyxiante, methódicas e ininterruptas, longas baforadas de fumo :

— Não percebes, porque és estúpido, está claro . . . Quando embarcaste, o que é que te disseram ? A mim atordoaram-me com palmas e com vivas. Abraçaram-me, beijaram-me, quasi me levaram ao collo até ao transporte de guerra que me trouxe a Marsêlha. E gritavam, que era um louvar a Deus :

— Viva a Patria ! Vivam os que vão morrer pela Patria !

Mas Antonio da Luz, uranho, rebelde, feroz, com o seu instincto de homem livre, commentava, implacavel :

— Vivam os que vão morrer pela Patria . . . Tem graça, não é verdade, oh Manoel da Graça ?

— Está visto que tem . . .

— Mas, então, o que é a Patria ?

— Oh homem ! O que é a Patria ? A patria é a terra onde nasceste, o teu casal, o teu hôrto, a tua vinha, o casebre onde viste a luz, o leirão de terra sagrada onde has de dormir para sempre se lá voltares . . . A Patria é a ermida da serra onde tua mãe vae todos os dias rezar por ti, é a escola onde aprendeste a ler . . .

— Eu não sei ler.

— Pois, se soubesses . . .

— E tu, Manoel da Graça, onde é que aprendeste tudo isso?

Manoel da Graça traçou as pernas, deixou de fustigar o campo inimigo com as baforadas ininterruptas do seu cigarro brejeiro, e sentenciou:

— Aprendi tudo isto do meu capitão, quando servi a Pátria da outra vez.

— Porquê? Tu já andaste outra vez na guerra?

— Não andei, mas fui soldado . . . Três annos, nada menos, ao serviço da Pátria.

— E que serviço era esse?

— Eu te conto. Depois de aprender a marchar e a dar tiros, a voltar á direita e á esquerda, fui tirado para impedido do meu capitão . . .

— E ahi?

— Ahi, servia a Pátria tambem. Nem por outra coisa eu tinha ido para soldado, deixando minha mãe na miseria.

— Mas servias a Pátria como?

— Ora essa! Esfregava a casa, lavava a loiça, acompanhava os meninos ao collégio, comprava retroz para a senhora . . . Emfim: servia a Pátria.

Antonio da Luz, de mãos nas ilhargas, esquecido da metralha que cortava os ares, tinha gargalhadas de bom humor:

— E não levavas cartas de namôro, tambem?

— Pois, não o digas a rir. Levei bastantes, de

uma cunhada do meu capitão. Porque eu, para bem servir a Patria, tinha de servir em tudo aquella familia inteira...

—Do mal o menos. Era lá perto e não havia o perigo de morrer. Mas aqui, n'esta amaldiçoada extranja, que diabo de Patria servimos nós?

— Isso não é comnosco! Isso é lá com os que governam! — continuava a philosophar o Manoel da Graça.

Mas Antonio da Luz, sacudido de novo pelo seu instincto de homem livre, rosnava, n'uma cólera surda:

— Os que nos governam... Os que nos governam...

E depois, n'um movimento de revolta:

— Mas se aquelles que nos governam querem a guerra, porque não véem para ella, a morrer tambem? Porque é que ficam em casa, socegados e livres de perigos?

— Porque a vida é assim, homem de Deus! Uns puxam, outros gemem.

— Quer dizer...

— Quer dizer que, enquanto houver espertalhões como elles e bêstas de carga como tu, isto ha de ser sempre assim. Uns hão de promover as guerras e outros hão de morrer n'ellas.

Antonio da Luz repellia, no seu intimo, a classificação infamante:

— Bêsta de carga, eu?

— Está claro. Bêsta de carga. Burro de nora. Cão de guarda. Mulo de carroça.

Antonio da Luz mordía os pulsos, n'um protesto que mais parecia um surdo rugido de fera amordaçada :

— Mas porque é que tu, que és intelligente e que sabes ler, nos não ensinas a acabar com isto ? A protestar contra isto ?

Manoel da Graça cuspiu nas mãos, enrolava um pouco de tabaco ordinarissimo, preparava contra as trincheiras allemans uma nova offensiva . . . a bafordas de fumo. E sentenciava :

— Porque não os ensino a acabar com isto ? Porque ha bêstas de carga incapazes de dar coices mesmo que a retranca lhes ponha as ilhargas em sangue. Sabes tu ? Uma temporada, no regimento, em vez de sôpa davam-nos agua de lavar as marmitas. Em vez de pão, impingiam-nos faréllos da Manutenção Militar. Todos grunhiam, todos se revoltavam em silencio, mas todos iam roendo e suportando aquillo. Até que, um dia, me encarregaram a mim de ir falar ao commandante . . . Pois, quando elle mandou formar o batalhão e perguntou quem é que tinha de que se queixar, nenhum foi capaz de levantar a voz. Todos calados como ratos. Bestas de carga, incapazes não já de um protesto, mas de um simples queixume.

— E depois ?

— Depois, estás a ver . . . Depois, accusado de impostor e de cabeça de motim, pregaram-me com

os ossos trinta dias na Torre de S. Julião da Barra. Por isso, agora, quem lhe doer . . .

— Tens razão, Manoel da Graça. Mas se as béstas de carga um dia acordassem . . .

Já não pode terminar a phrase. Do céu, que a noite revestia de uma escuridão ameaçadora, cahiam agora, a toda a largura da trincheira, granadas de morte e de destruição . . .

A soldadesca, em tropel, n'uma confusão sinistra, invadia os subterraneos, praguejava, gritava, rugia contra aquelle inimigo que parecia transformar as proprias nuvens em baterias implacaveis.

— Os aeroplanos !

— Os aeroplanos !

Em vão os reflectores, assestados contra o céu infinito, procuravam lobrigar através das trevas aquelle inimigo invisivel e formidavel, vomitando ferro e fogo sobre a terra.

A cada granada que tombava do alto, produzindo um fragôr de destruição, correspondia um clamor pavoroso de gemidos e de imprecações.

E de parapeito em parapeito, na vasta rêde d'aquelle entrincheiramento abalado de extranhos pavores, corria o mesmo grito de alarme :

— Os aeroplanos !

— Os aeroplanos !

Um inimigo temeroso, um inimigo que não dava treguas nem quartel, mas que se escondia no mys-

terio d'aquella noite insondavel, rebelde a todas as pesquisas.

Combater, como?

Luctar, contra quem?

Ao manejar um reflector, Manoel da Graça sentiu-se de súbito arremassado para traz, n'uma alluviação ensurdecedora de terra e de escombros, como se debaixo dos pés se lhe tivesse aberto a cratera de um vulcão.

Foi um rapido segundo de atordoamento indizível. Um rapido momento de allucinação e de prostração absoluta.

A morte? A morte redemptora, emfim?

Quando acordou, viu-se extendido sobre um leito de hospital, pernas ligadas, tronco ligado, cabeça ligada, triste farrapo de carne humana absolutamente incapaz para trabalhar e para viver.

De um catre ao lado, Antonio da Luz, igualmente ferido, tinha agora tambem nos labios um sorriso de ironia e de olympica indifferença.

— Até que emfim acordaste, homem de Deus!

Mas Manoel da Graça, insensível a toda a dôr, procurava apenas reunir ideias, lembrar-se do que lhe succedêra.

— Não te cances a pensar, homem. Foi tudo em serviço da Patria. D'esta vez, foi mais pesado esse serviço do que levar as cartas de namôro á cunhada do teu capitão. Mas, emfim, um braço a mais ou um braço a menos . . . pouco importa.

— Um braço a menos? — sussurrou Manoel da Graça, n'um estremecimento irrimível.

— Sim, homem... Um braço a menos. Mas, consola-te, alegra-te, dá graças a Deus. Ficas ainda com outro braço... para pedir esmola.

VOZ RELIGIOSA E DÔCE...

Voz religiosa e dôce...

Naquella noite — desabrida e chuventa noite de dezembro — os dois exercitos inimigos pareciam adormecidos nas trincheiras tranquillias, que a morte cobria com as suas azas tenebrosas.

Nem o passo monótono de uma sentinela. Nem um grito de áleria, cortante e aspero, a perder-se nos campos sombrios e mysteriosos. Nem um gemido, nem um soluço, nem o éco alarmante de um tiro.

A Morte, n'aquella noite sagrada — noite desabrida e chuventa de Natal — dava tréguas ás duas avalanches humanas, alli erguidas, frente a frente, como duas florestas de bronze, eriçadas de carabinas, couraçados de canhões, reluzentes de laminas afiadas...

Só de quando em quando, o clarão phantastico de um reflector cortava os ares, rapido, coruscante, si-

nistro. E as arvores, assim illuminadas de subito, sem folhas, sem flôres, sem ninhos chilreantes, descarnadas e famélicas, semelhavam filas interminaveis de esqueletos, baloiçando ao vento rijo da campina.

Mais para alem, nas cristas dos montes, os rochedos assumiam proporções de phantasmas, membros contrahidos, fauces escancaradas e insaciaveis, desafiando, impassiveis e vingadores, a metralha de cem mil combates formidaveis, desesperados e tremendos...

Um clarão, agora. Outro clarão, logo depois. O mesmo reflexo passageiro e frio — de um frio que ia até aos ossos, de um frio que lembrava o aço das bayonetas, o aço das lanças ensanguentadas, em uma batalha sobre a neve mortifera do inverno.

— São os olhos da Morte — dizia um official extendido sobre o fêno humido da trincheira, evocando, com os companheiros de armas, os primeiros dias de combate.

— Na minha terra — proseguia elle — quando as estrellas cadentes percorrem o horizonte todo em trevas, rasgando-o como se fossem fléchas de luz, affirma-se que a Morte espreita á porta de alguem. Pois talvez aquelle reflector, que nos persegue, que nos espreita, que nos espia todos os movimentos, seja para nós tambem a derradeira luz . . .

— Em noite de Natal, não vale a pênna pensar em tristezas — dizia um antigo uhlano, alto, forte, espadáudo, de um loiro baço e germânico.

— Não vale a pênna — tornava o official. — Vocês

lembram-se do nosso primeiro combate, junto ao rio, n'aquella noite infernal e maldita? Parece que os estou a ver, ainda, os mortos n'esse recontro feroz. Cada casco que reluzia, illuminado de alem, logo tombava por terra. Dir-se-ia que a propria luz os fulminava. E vejo-os sempre, na sua queda interminavel, na sua rota cadenciada e regular, fria, fria, tão fria que nos gelava o proprio sangue. Um reflexo metálico, um grito rouco de agonia — e um homem por terra, hirto, ensanguentado, de mãos crispadas na carabina ainda quente.

Esfregou os olhos, como que para afastar uma visão horrivel.

E continuou:

— Cada descarga, methodica, solemne, compasada, lançava por terra, assim, uma fila de combatentes. Vocês lembram-se? Tivemos de avançar, em cargas cerradas, já tomados de uma allucinada bravura, sobre montões de corpos gelados, de pernas e braços decepados, vendo, na escuridão, a nossos pés, centenas de bôccas ainda entreabertas em um rictus de maldição.

Parou de falar, um momento. Pôz o ouvido sobre a terra, como que a escutar um rumor longinquo. Depois, proseguiu:

— Tenho sempre na memoria essa noite sangrenta e maldita. Quando entrámos no rio, dispostos a passar á outra margem, rompendo a chuva de metralha que nos dizimava, um clarão illuminou, um

instante, as aguas sussurrantes. E vi então — vocês lembram-se? — dezenas de cadaveres boiando, rio abaixo, serenos e tranquillos, como se fossem dormindo um somno feliz, embalados pelas ligeiras ondulações da corrente — legendário rio da Morte e da Destruição, extranho rio do eterno e bonançozo esquecimento... Vocês lembram-se?

*
* *
*

Não continuou. Ao longe, soou uma descarga. A voz dos canhões atroou os ares. Parecia que entre as nuvens e a terra se feria uma espantosa batalha travada por cyclópicos guerreiros.

A luz de um reflector, rompendo as trevas, bateu nos cascos reluzentes, extendidos ao longo da trincheira. E o official, em um calefrio, murmurou:

— Os olhos da Morte...

Pegaram em armas. Cerraram filas, e, subindo a rampa da trincheira, marcharam silenciosos, a carabina á cara, o olhar procurando interrogar a escuridão.

Dentro em pouco, ao saltar de uma sébe, cahiram sobre outra fila inimiga, que marchava tambem nas trevas, cautelosa, álerta, batendo o terreno... Travou-se o combate, corpo a corpo, raivoso, feroz, entre o ranger das bayonetas que saltavam em esti-

lhaços, entre o ruído surdo das coronhas que se abatiam sobre os crâneos. É mais ao longe, mais para além, a fuzilaria continuava a cortar os ares. Os canhões vomitavam sempre catadupas de metralha, rugindo através da noite desabrida e chuvosa...

Os relâmpagos illuminavam sempre, nas cristas dos montes, os mesmos rochedos impassíveis e vingadores — testemunhas mudas d'aquella brava e estúpida carnificina.

Alli, não. O combate era soturno e cruel, mas quasi silencioso, tragico e inenarravel, misturando-se o ranger dos dentes, dos que combatiam, com o apagado lamento dos que tombavam por terra para sempre — para sempre...

A certa altura, em um duello bárbaro e inclemente, afastados do centro da pelêja, dois soldados se encontraram sós: um couraceiro allemão, athlético e sombrio, de uma frieza heroica, e um voluntario marsehez, impetuoso, ardente, destemido, pujante de juventude.

Atacavam como leões, quasi sufocados já, as mãos escalavradas de golpes, o uniforme em farrapos, a cabeça descoberta e encharcada, o corpo ensanguentado e rasgado de feridas profundas.

Um defendia o orgulho e a gloria da Allemanha.

Outro combatia pela França, procurava libertar a terra sagrada da Patria.

*

* *

Mas, de subito, radioso e alegre, n'alguma egreja distante, vibrou um repique de sinos — voz de paz, de piedade, de perdão, de infinita doçura, entre o choque bravio dos dois exércitos em lucta.

Surprésos, commovidos, não podendo manter-se em pé, ambos os combatentes se deixaram cahir, lado a lado, os braços inertes, os lábios sêccos, já sacudidos pelo frio arripiante da Morte...

— A noite de Natal — murmurou o couraceiro allemão.

— A nossa ultima noite — soluçou, já a custo, o voluntario marsehez. — Perdôa-me, se morreres tambem. Perdôa-me.

Depois, sufocado, no ultimo estertor :

— Eu combatia pela minha Patria...

O couraceiro procurou-lhe a mão. Apertou-a, na commoção derradeira. Apenas poudes soluçar ainda :

— E eu morro pela minha...

*

* *

Nas trevas, radioso e alegre, vibrava sempre o mesmo repique de sinos — a mesma voz religiosa e doce, de paz e de perdão.

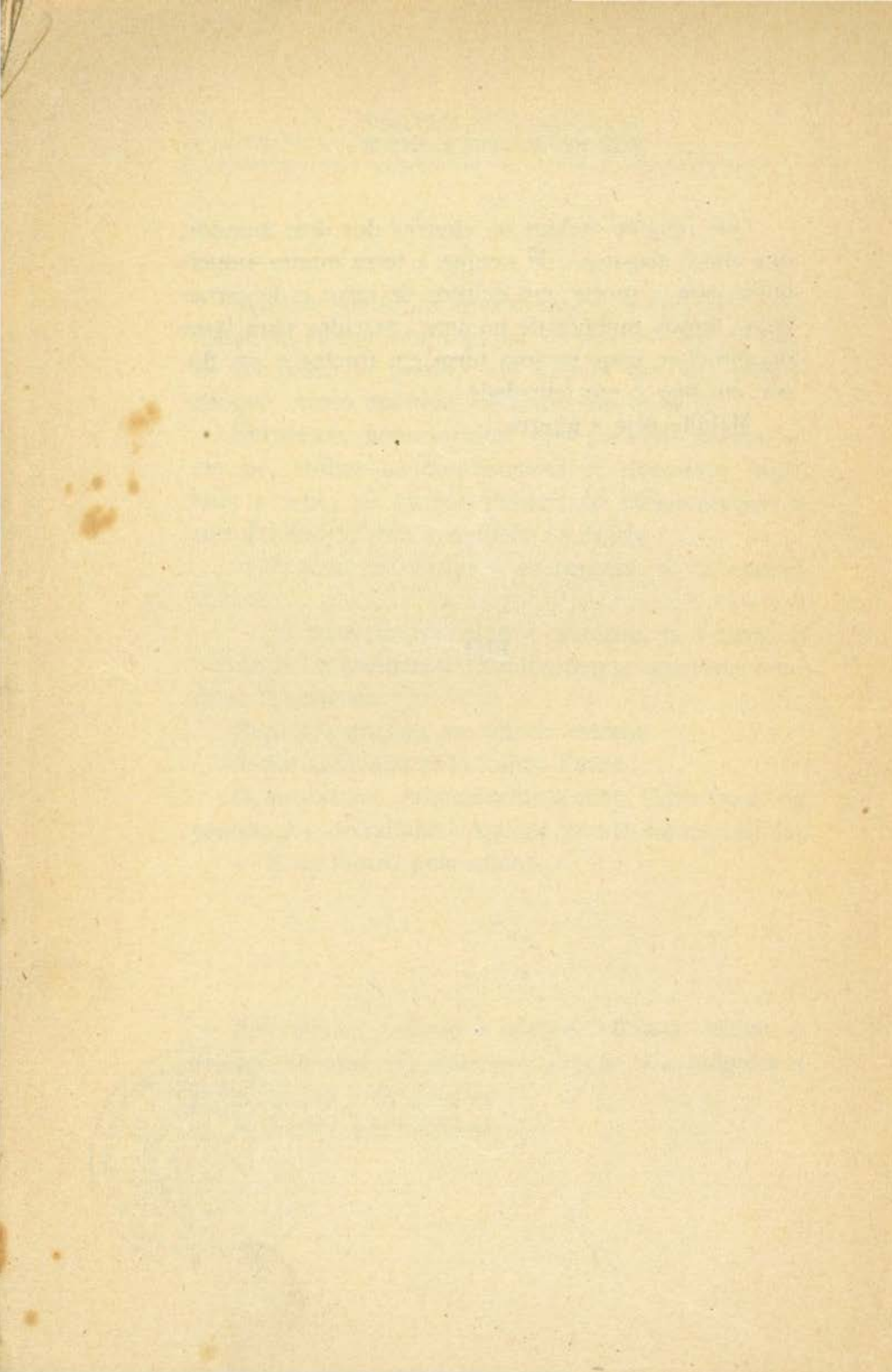
A mesma voz religiosa...

Que religião teriam os abutres dos dois mundos, que assim alagavam de sangue a terra inteira, impelindo para a morte, em delírios de raiva e de carnagem, tantos milhões de homens, nascidos para fazer desabrochar essa mesma terra em fructos e em flores, em pão e em felicidade?

Maldita seja a guerra.

FIM



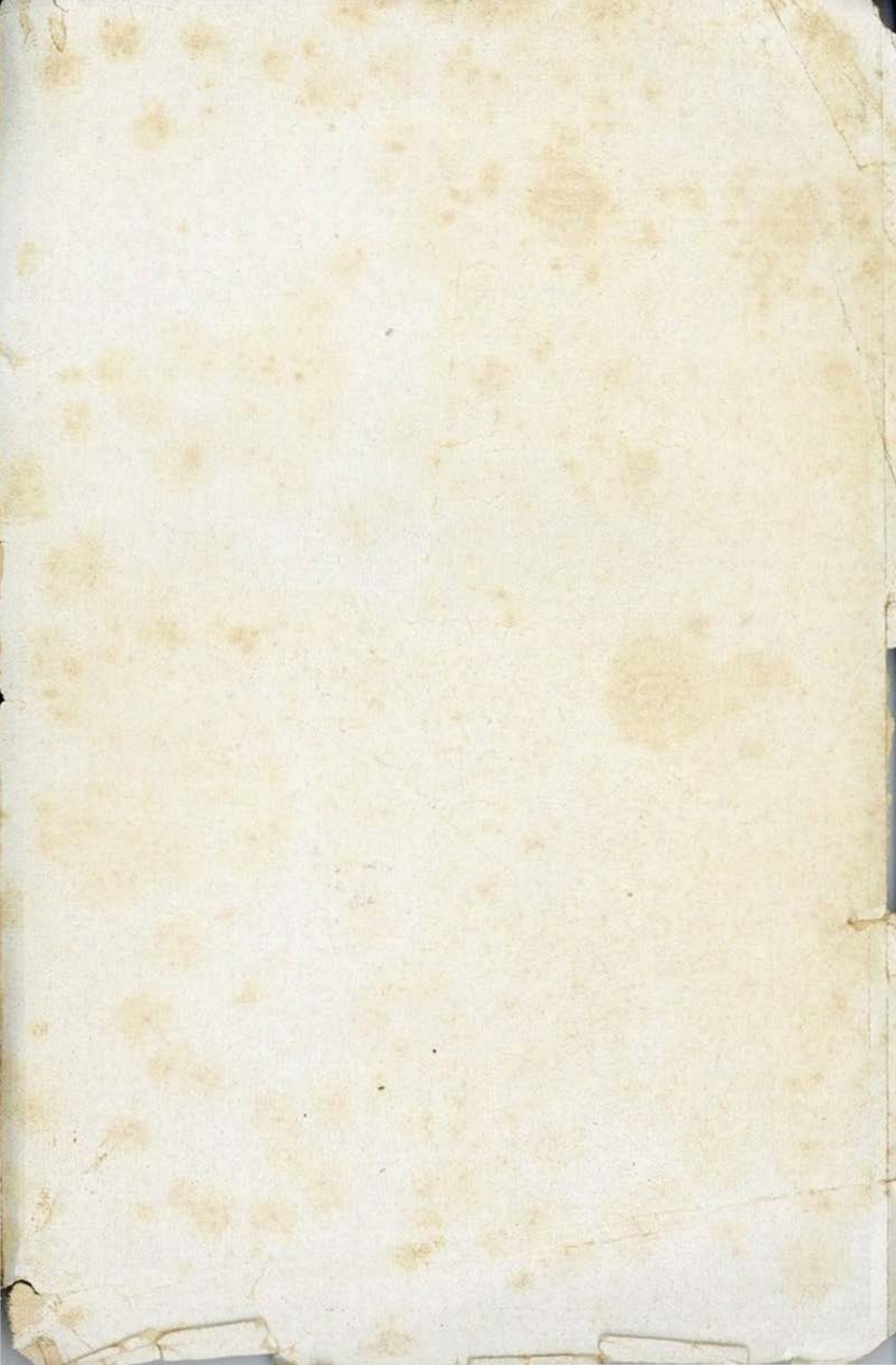


INDICE

Maldita seja a guerra	7
Agua sangrentas	19
Morto pela Patria	29
O homem sem nariz	43
A revolta	55
Um braço a menos	65
Voz religiosa e doce	75

INDICE

Acabou de se imprimir este livro
em Abril de 1925, na AMERICANA,
Tipografia—R. da Horta Sêca, 48 e 50
: : : : : Lisboa : : : : :





1416548



MALDITA SEJA A GUERRA...

BIBLI